

O meu tio Daniel é como o seu, se tem algum — só que o meu tem uma fraqueza. Adora conviver e perde o sentido das coisas. Se ele nos ouvisse agora, descia já por aquelas escadas, estivesse ou não o jantar pronto. Mal avista alguém aqui sentado, no átrio do Beulah, o tio Daniel senta-se na outra ponta do sofá e mete conversa com a pessoa, e o mais provável é que daí a nada já lhe esteja a dar um abraço e a tentar oferecer-lhe alguma coisa. E pouco lhe adianta mostrar-se acanhado. Ele não aceita recusas. Pode é acontecer que ele se esqueça do que lhe ofereceu hoje e volte a oferecer-lho amanhã. É o homem mais amável do mundo. Está a ver aquele chapéu enorme no bengaleiro, o cinzento? É o dele. Repare bem no tamanho da cabeça. A quantidade de coisas que o meu tio Daniel ofereceu ao longo da vida, sem que lhas tivessem pedido... Assim de repente, sou capaz de me lembrar de uma fiada de presuntos, um belo fato de fazenda, um vitelo branco, duas viagens para Memphis, um casal de pombos, um bonito pónei Shetland (adora crianças), uma chocadeira e uma incubadora, uma cabrita, um bode, uma cisterna em madeira de cipreste, um campo de trevo branco, duas rodas de ferro e algumas galinhas poedeiras (estavam juntas), pastagens para o gado durante a seca (ele tem minas que nunca secam), um sem-fim de ovos frescos, uma carrinha de caixa aberta — até o seu lote no cemitério, só que a pessoa não aceitou. E já não estou a contar com esta semana. Não há ninguém mais popular na cidade.

O avô Ponder, que Deus o tenha, metia-se de vez em quando em apertos, mas era um homem cheio de carácter. E pensar que eu costumava dizer para mim mesma, Edna Earle, se algum dia o pior acontecer, lembra-te que o avô é rico.

Quando via o *Studebaker* do avô ali à porta, vindo da quinta, e o avô a subir o passeio, sem o tio Daniel ao lado, com a barba já a começar a tremer-lhe no queixo, e olhe que ele tinha uma barba mesmo bonita, eu gritava para a cozinha, «Ada! Faz um chá gelado para o Sr. Sam! Bem forte!» O meu avô era da velha escola, gostava que as pessoas se mostrassem à altura — as pessoas em geral, e eu e o meu tio Daniel em particular. Foi ele quem me criou, ele e a avó. Eu virava-me para quem quer que estivesse no átrio e dizia, «Abram alas, que vem aí o avô Ponder, e sabe-se lá que notícias me traz.» Eu era a sua neta preferida, para além de ser a única viva, e a única que morava perto dele.

«Ora viva!», dizia-lhe eu. «Antes do mais, sente-se neste belo sofá — dê-me cá a bengala, e aqui vem o seu chá gelado. Então, avô, quais são as últimas?»

Ele vinha pôr-me a par das últimas coisas que o tio Daniel tinha oferecido. A incubadora ao carteiro, por exemplo — deu-lha com a mesma facilidade com que daria o botão de rosa na lapela. E não é que alguma vez na vida tenha recebido uma carta daquele velho madraço.

«Avô, para o seu bem», disse-lhe eu uma vez, «mais valia nunca ter revelado ao tio Daniel tudo o que tem.»

Ele respondeu, «Menina, fique a saber que eu não lhe revelei nada. Aliás, uma coisa de que nunca lhe vou falar é do dinheiro. E eu que não venha a saber que tu lhe falaste nisso, Edna Earle.»

«Mas quem é a esperta da família?», disse eu, e dei-lhe uma beijoca.

O meu pai era o filho mais velho do avô, e o tio Daniel o mais novo. Tiveram-no já tarde, bastante tarde. Costumavam deixá-lo patinar em cima da mesa da sala de jantar. Portanto, eu e o tio Daniel somos quase da mesma idade. Em crianças, gostávamos

de competir um com o outro. Aliás, acabei por apanhá-lo no 7.º ano, o que não me agradou nada, mas a verdade é que eu ultrapassaria qualquer um. As pessoas até costumavam dizer que eu é que devia ser a *professora*.

Mas olhe que ser esperta nunca me facilitou a vida. Eu até costume dizer às pessoas que passam por aqui, «Espere, não tenha pressa. Diga-me lá: acha que era capaz de tomar conta de doze quartos, duas casas de banho, duas escadas, cinco varandas, um átrio, uma sala de jantar, uma despensa e uma cozinha, e ainda estar aqui para receber os hóspedes com um sorriso nos lábios? Com dois negros ao serviço? E ainda aquela planta?» A maior parte dos hóspedes pergunta o nome da planta ao sair. A única coisa que eu lhes sei dizer é que a minha avó lhe chamava Menina Ouida Sampson, porque havia uma senhora com esse nome que a apreciava muito. Quando era mais nova, ainda ganhei alguns prémios com ela na feira do condado. Agora deixo-a estar para aí. Floresce de vez em quando.

Mas, oh, nos tempos em que a casa estava à cunha! O tio Daniel num ataque de oferecer coisas (aquilo vinha-lhe por ataques) e eu a tentar acalmar o avô, ao mesmo tempo que tinha de governar o hotel; e nessa época as sessões do Tribunal, do outro lado da rua, enchiam a cidade de gente, e o Sr. Springer — fatal como o Destino — vinha à cidade e queria o quarto do rés-do-chão, o daquela porta ali, e ainda contava que eu fosse ao cinema com ele, cansado das suas andanças — Oh, e era Edna Earle para aqui, Edna Earle para ali, a toda a hora, de manhã à noite. Comparado com esse tempo, isto hoje é um cemitério. Mesmo *você*, por exemplo, só está aqui porque o seu carro avariou; e receio que tenha entregue o arranjo a um dos Bodkins.

Mas ouça-me, a ler assim, vai dar cabo da vista. Vamos antes conversar.

Se visse o meu tio Daniel, você reconhecia-o logo. É inconfundível. É um homem grande, conhecido de toda a gente. Tem a cabeça dos Ponders — grande, claro, e bem-posta, e um cabe-

lo espesso e encaracolado, todo branco, cortado curto e em redondo sobre a testa, em forma de tigela. Na pele, saiu à minha avó. Os olhos são grandes, de um azul de miosótis, como os meus. Todas as manhãs, põe uma bonita gravata vermelha e sai com o seu enorme chapéu texano, que traz quase sempre na mão porque passa o tempo a cumprimentar gente na rua. E sempre de fato branco, que lhe fica a matar. Mas sabe que ele já passou dos cinquenta? Se não quer acreditar, não acredite. E continua a ser a pessoa mais doce, mais encantadora à face da terra. Tem umas maneiras, uma educação — é um coração de ouro. E não digo isto por ele ser da minha família. Repare numa coisa, não é à toa que giro o Hotel Beulah: sei avaliar as pessoas; estou a avaliá-lo a si neste preciso momento. Ao longo dos anos, tenho visto entrar aqui todo o tipo de gente, e toda ela fica registada neste grande livro. E, no cômputo geral, digo-lhe, nunca vi ninguém que se pudesse comparar com o meu tio Daniel em aparência ou boas maneiras. Aquilo é um homem que se terá cometido uma incorrecção na vida, já foi mais do que desejava.

Oh, mesmo as crianças sempre o viram como um parceiro de brincadeiras. Ainda ele vem ao longe e já elas desatam aos pulinhos até ele as agarrar e se pôr a fazer-lhes cócegas e dar-lhes os trocos que traz no bolso. Já o meu avô não era assim, despachava-as logo.

O avô adorava o tio Daniel. Ah, o avô no seu fato de linho e de panamá na cabeça, e o tio Daniel de gravata vermelha, chapéu texano e uma rosa vermelha na lapela! Que bela figura faziam, um ao lado do outro. O avô detestava vir à cidade, mas o tio Daniel adorava, e por isso o avô acompanhava-o todos os sábados. Quem visse aqueles dois chapéus a darem a volta à praça, a abrirem caminho na multidão, saberia logo onde estava e em que dia da semana. O tio Daniel seguia sempre um ou dois passos atrás do avô, para trocar umas palavras com este e aquele, enquanto o avô marchava à frente com a sua bengala, abrindo caminho por entre lavradores e crianças e negros e cães, enfim,

a província em peso. Mas, com o tempo, foi-se tornando cada vez mais impaciente.

A única coisa no mundo que poderia levar o meu avô a zangar-se com o tio Daniel era ele desfazer-se deste hotel. E foi a mim que ele o ofereceu, já lá vão quinze longos anos, e não sei o que seria do estabelecimento sem mim. Quando soube, o meu avô disse-me, «Mas, Edna Earle, isto põe-me numa situação delicada.»

Não é que o avô se importasse por eu ficar com ele. O hotel pertencia à família da minha avó, e em tempos foi uma beleza, antes de a pintura ter descascado e terem desaparecido as árvores em frente, e o letreiro ter sido arrancado por um vendaval. Mas ele não gostava da localização, mesmo no centro de Clay. Depois, a cidade decaiu muito, como todos nós (o meu pai, por exemplo, saiu de cá ainda novo, e nunca ninguém cometeu o erro de perguntar por ele; quanto à minha mãe, morreu a seguir ao parto, e com ela se extinguiram os Bells), e quando fizeram a estrada nova, Clay começou a ser atravessada por um certo tipo de gente, a 120 à hora, e o meu avô até preferia não ter o hotel. E também é um facto que muitas vezes as pessoas que saem da estrada nacional e aparecem aqui a pedir imediatamente um quarto, ou a perguntarem-nos de chofre o que é que há para almoçar, não são o tipo de pessoas com quem gostaríamos de conviver o resto da vida. Para o avô, isso arrumou com a questão. Entregou a gerência nas mãos da Cora Ewbanks, e foi no tempo dela que a tabuleta veio abaixo e tudo o resto. Ela morreu pouco depois de ter deixado o hotel; nunca casou.

A maioria das coisas que o meu tio Daniel ofereceu foram daquelas que se pode levar num carrinho de mão — tralha variada, digamos. Mas o Hotel Beulah era outra coisa. Dir-se-ia que se fez luz no meu tio a respeito da *propriedade*. (Os pastos não contam — para os reaver basta voltar a tirar de lá as vacas.) O avô estava a ficar bastante velho e ocorreu-lhe que se o meu tio oferecia um imóvel, a isso podia perfeitamente seguir-se a